



RESENHAS

**Os homens estão em crise, dizem.**

Juliana Albuquerque Sulz, *Universidade Federal de Minas Gerais*

Frederico Assis Cardoso, *Universidade Federal de Minas Gerais*

Resumo: O discurso da crise da masculinidade atravessa a história da humanidade. Em sua obra, Francis Dupuis-Déri apresenta a onipresença desse discurso, suas contradições e ambiguidades. O discurso da crise da masculinidade corrobora com os estereótipos de gênero e com as desigualdades entre homens e mulheres. O maior mérito da obra é desconstruir a existência de uma crise e apontar a persistência histórica e cultural de um discurso que busca a manutenção de privilégios masculinos na nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Homens. Feminismo. Antifeminismo. Masculinismo.





Crise ou discurso da crise?

Francis Dupuis-Déri é professor do Departamento de Ciência Política e filiado ao Instituto de Pesquisas e Estudos Feministas (Institut de recherches et d'études féministes – IREF) da Universidade do Quebec em Montreal (Université du Québec à Montréal – UQAM). Conhecido também por seu engajamento com diferentes movimentos sociais, ele já escreveu, editou e co editou mais de 20 livros sobre antifeminismo, masculinismo, anarquia, repressão policial, guerra e democracia, tendo publicado no Brasil a obra “Black Blocs” (2004, Ed. Veneta). O livro “A crise da masculinidade” apresenta uma extensa discussão histórica, política e social sobre a masculinidade e o recorrente discurso de sua crise. Francis Dupuis-Déri reuniu nesta obra um acervo precioso e detalhado de outras produções que nos guia pela sua fecunda análise acerca do discurso da crise da masculinidade.

A edição brasileira conta com o prefácio dos pesquisadores Frederico Assis Cardoso¹ e Marina Alves Amorim² intitulado “Prefácio à edição brasileira – Ser macho no Brasil: a crise da masculinidade e o antifeminismo de Estado”. O material introduz como o debate sobre uma crise da masculinidade se estabelece no cenário brasileiro, sobretudo nos últimos cinco anos. A explanação das principais produções científicas e as suas influências no pensamento contemporâneo mostra ao/à leitor/a como esse campo teórico se institucionalizou no Brasil, assinalando as dificuldades de tempos autoritários, conservadores e persecutórios vividas pelo país no contexto do resultado das eleições presidenciais de 2018 que levou ao poder político a extrema-direita nacional.

“Os homens estão em crise, dizem”. Essa é a afirmação que dá boas-vindas ao/à leitor/a na obra que analisa a tal “crise da masculinidade”. Dupuis-Déri aponta, já nas primeiras linhas, as justificativas dessa anunciada *crise*: sociedade feminilizada, carência de sólidos modelos masculinos, pais excluídos pelas mães dominadoras. A obra analisa vários sintomas da “crise da masculinidade” e problematiza todos eles, mostrando ao/à leitor/ar os perigos de uma noção imprecisa, abstrata, despolitizada e pouco explicativa.

¹ Doutor em Educação. Professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Contato: fredasc@ufmg.br.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora em Letras pela Université Rennes 2/Université d'Haute Bretagne (UHB). Pesquisadora da Escola de Governo Professor Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro (EG/FJP). Contato: marina.amorim@fjp.mg.gov.br.



O livro é composto por seis capítulos. No primeiro – Crise ou discurso de crise? – o autor conduz uma discussão em torno do questionamento se o que está em jogo é de fato uma crise, ou apenas o discurso de crise. Os homens estão sempre em crise? Como podemos falar em crise se esta não está demarcada no tempo? A masculinidade está em crise desde a origem da humanidade? Então essa crise seria uma questão de percepção e não de realidade objetiva? Para o autor, a noção de crise da masculinidade deve ser utilizada com prudência, pois ela simplifica a realidade e leva a pensar que “todos os homens estão em crise” e que “todos os homens têm a mesma sensação de uma identidade coletiva masculina”, sem levar em conta os marcadores geracionais, de classe socioeconômica, racial e/ou de sexualidade.

Exigindo uma certa cautela do/a interlocutor/a, o autor pondera que não é porque se trata de um discurso que a tese da crise da masculinidade não tenha um efeito sobre a realidade. Um discurso de crise pode parecer possível mesmo que não existam desordens de fato e mesmo que o sistema não esteja verdadeiramente desestabilizado nem ameaçado. Do mesmo modo, o escritor aponta que problemas sociais muito importantes podem ser ignorados, ao passo que os falsos problemas ou os problemas menores possam ser vistos como prioridades, segundo as manobras políticas e de movimentos sociais, e de escolha das mídias, ávidas por esses assuntos.

Com efeito, o discurso da crise da masculinidade é utilizado pelos movimentos dos homens como uma ferramenta para mobilizar os próprios homens (e possivelmente algumas mulheres) contra uma possível ameaça que o feminismo e as mulheres emancipadas representariam aos seus privilégios e lugares de poder. De acordo com o autor, uma vez que se consideram em crise, esses homens podem (re-)afirmar uma identidade masculina definida em função de estereótipos de gênero para justificar (a continuidade de) sua dominação sobre as mulheres.

No segundo capítulo – Pequena história da masculinidade em crise – Dupuis-Déri fornece uma perspectiva histórica ampla e detalhada do discurso da crise da masculinidade, evidenciando como esse discurso esteve presente desde a Idade Média até os dias atuais. Uma das contribuições da obra é criticar o uso da expressão “crise” que promoveria a ideia de que o homem seria sempre vulnerável, que estaria sempre vivendo um mal-estar diante das novas formas femininas, uma ansiedade, um trauma.



O autor assinala que o termo crise deveria designar uma situação excepcional de desestabilização, até mesmo de caos, às vezes trazida por transformações profundas dos sistemas, das instituições e dos/as indivíduos/as. No entanto, mesmo que certos homens sofram por diversas razões, não há uma real crise da masculinidade, pois é sempre a mesma identidade masculina que é valorizada pelas mesmas referências à ação, à força e à violência, e porque é sempre a supremacia masculina que é reivindicada, valorizada, mantida e defendida.

O grande mérito da obra é desconstruir a crença de que a masculinidade está em crise. Se essa crise é perpetuada no tempo, se é constante, ela permite alcançar objetivos específicos, tais como: “desacreditar as mulheres e apresentar seus avanços como uma ameaça, um escândalo, uma catástrofe, uma monstruosidade; reafirmar uma divisão binária dos sexos assinalando funções superiores aos homens e mobilizar ou desenvolver recursos para os homens” (p. 158).

O autor reafirma ao longo da sua obra que esse discurso é incentivado por instituições poderosas de um ponto de vista político e cultural, como foi possível observar e vivenciar nos últimos cinco anos no Brasil. Esse discurso produz dois resultados ao mesmo tempo: homens permanecem os únicos no poder e criticam as mulheres que tentam se emancipar, revelando uma atitude antifeminista, ou seja, trata-se de uma “retórica que tem utilidade de impedir o avanço do feminismo e mesmo deslegitima-lo, culpando-o pelo sofrimento dos homens” (p. 159).

Nesse segundo capítulo, o autor nos mostrou que sempre foi possível encontrar casos de uma possível “crise da masculinidade” ao longo da história e, segundo ele, conhecer essa longa história nos permite saber que sempre foi possível afirmar que as mulheres são muito influentes e dominadoras. O escritor finaliza nos questionando sobre o teor desse discurso: a “crise da masculinidade” seria uma ferramenta reacionária para conservar uma identidade masculina?

No capítulo 3 – O movimento de homens dos anos 1960 até os dias atuais – é apresentada a origem dos movimentos dos homens ao redor do mundo. O autor destaca a “revolução” *contracultural* dos anos de 1960, sobretudo o famoso “Maio de 1968” na França, como o período em que houve uma ruptura da relação entre os sexos, em razão da emergência do feminismo “radical” e do movimento homossexual.

O espírito democrático da época reivindicava que as mulheres deveriam ser tratadas em igualdade, ao ponto de os homens se



preocuparem com o desejo sexual delas e com o seu prazer. A partir daí, grupos de apoio para os homens começaram a surgir, nos mesmos moldes dos grupos feministas. Inicialmente, esses homens queriam ser solidários com as mulheres. O objetivo seria promover encontros entre eles para falar do patriarcado, do sexismo e da sexualidade das mulheres.

Dupuis-Déri ressalta que apesar das possíveis boas intenções do início desses movimentos “pró-feministas”, “a iniciativa de se reunir entre homens abriu caminho para o desenvolvimento da ideologia *masculinista* e para uma repercussão antifeminista” (p. 168).

Para o autor, o movimento de homens acabou se distanciando de uma postura pró-feminista que assumia no início e passou a não se comprometer mais com uma crítica à supremacia masculina mas, pelo contrário, voltou-se a serviço de sua promoção, justificada pela possível opressão que os homens eram submetidos pelas feministas.

O capítulo 4 – Os pais se mobilizam – fornece um bom panorama da tendência contemporânea mais influente e militante dos movimentos dos homens: os grupos de pais divorciados ou separados. Esses grupos geralmente reivindicam igualdade entre pai e mãe, sobretudo dos “direitos dos pais” e do “direito das crianças a ter dois progenitores”. A questão dos pais “em crise” originaria o movimento de homens dos anos 1960 e 1970. Período em que surgiram discussões sobre “a imagem do pai”, sobre “aquilo que não podíamos dizer para os pais” e do pai ausente. Os grupos de homens ofereciam consultoria jurídica em casos de divórcio e separação.

O autor apresenta como esses movimentos se articularam em diferentes países, detalhando a atuação política dos pais homens, as produções acadêmicas e literárias e as diversas publicações da imprensa sobre o tema. Neste capítulo, Dupuis-Déri historiciza as últimas décadas dos movimentos de homens e de pais que se desenvolvem e se consolidam “adotando frequentemente os mesmos modelos organizacionais, as mesmas formas de ação, as mesmas reivindicações e a mesma retórica” (p.227).

O autor destaca que por mais que a realidade desse campo possa parecer um pouco nebulosa, é possível distinguir duas tendências desses movimentos, a saber: os grupos de terapêuticos e os grupos militantes. Os grupos terapêuticos, menos presentes em países como a França, mas bem desenvolvidos na América do Norte, ofereceriam serviços de profissionais da saúde, psicólogos e assistentes sociais (p. 235). Já os



grupos militantes, seriam compostos principalmente por voluntários e seriam conhecidos por assumir um tom mais reivindicatório e político.

Segundo o autor, esses grupos não reúnem grande número de participantes, mas a multiplicação desses movimentos pode sugerir a ideia de que são fortemente mobilizados e que representam todos os homens e todos os pais. O presidente de um movimento de pais, por exemplo, apesar de liderar um grupo pequeno, desfruta de certa legitimidade diante das mídias ou de audiências públicas e consegue, com isso, ser convidado para eventos do mesmo modo que as representantes do movimento de mulheres para os debates midiáticos, como se as duas posições estivessem dentro de uma relação de paridade, de igualdade.

No quinto capítulo da obra – Crise da masculinidade ou crise econômica? – o autor nos apresenta a emergência do movimento de homens por meio das adversidades econômicas e das dificuldades encontradas pelos homens no mercado de trabalho, mais do que à uma reação ao movimento feminista.

A tese que encontra a causa da crise da masculinidade na economia se baseia na convicção de que a identidade masculina é determinada pelo trabalho assalariado e que o homem se identificaria, antes de tudo, com o seu emprego. O autor cita o grupo “*Angry White Men*” (Homens Brancos Zangados), que atraiu atenção desde a vitória de Donald Trump na eleição presidencial dos Estados Unidos, para exemplificar a relação da crise da masculinidade com a adversidade econômica.

Os homens desse grupo supõem serem enganados pelas mulheres e por imigrantes que, segundo eles, teriam roubado seus empregos por conta dos programas preferenciais de contratação ainda que mulheres e imigrantes não sejam responsáveis por seus problemas financeiros. Grande parte das agruras econômicas em talvez todo o mundo moderno é provocada pela automatização e informatização crescentes da produção, pelos acordos de livre comércio internacionais e pela descentralização da produção. Contudo, esses jovens homens brancos em cólera preferem acusar as mulheres e a população imigrante ao invés de direcionar sua indignação aos pratos e aos banqueiros, à elite política ou mesmo aos chefes sindicais muito moderados. Notadamente, outros homens brancos.



O capítulo que antecede a conclusão da obra – A crise de hoje: quais são os sintomas e quais são os discursos? – apresenta os sintomas e os discursos que dissimulam a persistência do sexismo. O primeiro sintoma da “crise da masculinidade” analisado está em torno da sedução. Francis Dupuis-Déri explora o discurso a respeito dos homens que “não sabem flertar” na contemporaneidade. Para esse grupo de homens, as mulheres teriam tomado o controle da própria sexualidade e passaram a decidir quais homens teriam acesso à sexualidade delas e em quais condições.

Dupuis-Déri explica que esse discurso supõe que as mulheres dominam a sexualidade dos homens e isso deve ser combatido para que, enfim, os homens retomem seus direitos sobre a sexualidade das mulheres.

O outro tema assinalado como sintoma da crise da masculinidade é o desempenho escolar dos meninos. Para explicar a crise dos meninos na escola, alguns pesquisadores citados no livro defendem a ideia de que a escola não estaria adaptada aos meninos porque ela favorece os “modos femininos de aprendizagem”, que seria preciso uma “pedagogia mais adaptada à masculinidade”. Ou seja, uma pedagogia que proponha atividades voltadas para a ficção científica, a fantasia, o esporte, a espionagem e as batalhas. E, ainda, uma escola em que haja mais classes não mistas e mais professores homens. As justificativas para as dificuldades escolares dos meninos fortalecem um discurso que transmite regularmente estereótipos da masculinidade, o que alerta para a importância de nos preocuparmos com a insistência em valorizar os meninos em seus comportamentos agressivos e violentos.

Em seguida, o autor apresenta o suicídio como um outro sintoma da “crise da masculinidade”. Os *masculinistas* supõem que os suicídios dos homens sejam, em grande parte, o resultado de uma crise masculina provocada pela falta de modelos paternos, pela separação conjugal ou pela força do feminismo em nossas sociedades, ou ainda porque os tribunais estariam contra os homens. Nessa lógica *masculinista*, as mulheres levam os homens à morte porque elas estariam falhando na educação dos filhos ao não permitirem que brinquem de guerra, ao colocarem fim ao casamento ou, ainda, por criminalizarem a violência doméstica.

“O pai sacrificado” nomeia outro sintoma analisado por Dupuis-Déri, o que diz respeito a dois temas considerados pautas



prioritárias do movimento de homens: pensão alimentícia e violências conjugais. Muitos desses pais divorciados dizem se sentirem como verdadeiros “caixas eletrônicos” depois que se separam.

Entretanto, o autor nos apresenta uma série de fatos contraditórios sobre o discurso de que os pais seriam enganados ou prejudicados pelas varas de família durante o processo judicial de separação. Na maior parte dos casos, como mostra o autor, os pais decidem que as mães tenham a guarda principal e eles a guarda a cada dois finais de semana ou simplesmente o direito a visitas. Para o escritor, essa decisão é “racional para um homem que evita, assim, ter de fazer o trabalho (gratuito) de cuidar das crianças, e que pode mais facilmente refazer sua vida” (p. 309).

Esse tipo de acordo reproduz a divisão sexual do trabalho, uma vez que a mãe continuaria responsável pela “carga mental” do planejamento e da execução da maioria das tarefas parentais domésticas. Apesar dos belos discursos sobre os “novos pais”, no geral, ainda são as mães que coordenam toda a vida doméstica e familiar, dedicando maior parte de seu tempo e de seus investimentos à prole.

O último sintoma apresentado pelo autor é a violência conjugal e a tentativa dos movimentos dos homens em desenhar uma simetria dessa violência. Os homens supõem que as mulheres mentem a respeito da violência masculina e que eles na verdade seriam vítimas das violências psicológica, física e até institucional causadas pelas mulheres.

O autor desmonta todo esse discurso absurdo, apresentando dados estatísticos de diversos países, pesquisas científicas e situações reais como o caso de uma mulher que ligou para a polícia simulando pedir uma pizza para denunciar seu cônjuge de violência doméstica. Para Dupuis-Déri, esses discursos são “tão mais problemáticos quanto os homens são cooptados por uma identidade sexual estereotipada, que tende a sempre reagir segundo o mesmo modelo, ou seja, de que eles devem se mostrar competitivos e agressivos e não se deixar controlar, sobretudo pelas mulheres” (p. 348).

Todos esses fenômenos apresentados, como sintomas da “crise da masculinidade”, indicam a mesma solução proposta pelos homens: (re-)afirmar uma identidade masculina associada a alguns clichês sexistas tais como o caráter ativo, competitivo, agressivo e mesmo violento dos homens. Os propagandistas e os militantes da causa dos homens provavelmente não irão se preocupar, pois parece que seus



discursos têm sobretudo o objetivo de apresentar o feminismo e a emancipação das mulheres como uma catástrofe na origem da crise da masculinidade.

Assim, tanto a emergência como a constância do discurso da crise da masculinidade na história e no mundo são detalhadamente apresentadas nessa obra. O autor conclui que se trata muito mais de um discurso de crise, uma retórica sobre uma crise do que sobre uma crise de implicação real.

Os homens estão em crise, “dizem”. E isso *diz* mais sobre eles do que sobre as mulheres ou sobre o feminismo. Independentemente do que as mulheres façam ou deixem de fazer: se elas exigem respeito, segurança e igualdade, se elas estudam, trabalham e são independentes, se elas são livres sexualmente, ou se não estão disponíveis. Os homens estão em crise e a culpa é das mulheres, “dizem”. Não, eles *não* estão em crise. Eles *fabricam* um determinado discurso de crise da masculinidade, a ponto de matar milhares de mulheres, todos os dias, e em qualquer parte do mundo.

Referências

DUPUIS-DÉRI, Francis. *A crise da masculinidade: anatomia de um mito persistente*. São Paulo: Blucher, 2022. 384 p. Tradução de Paulo Victor Bezerra.



Men are in crisis, they say.

ABSTRACT: The discourse of the crisis of masculinity crosses the history of humanity. In his work, Francis Dupuis-Déri presents the omnipresence of this discourse, its contradictions and ambiguities. The masculinity crisis discourse corroborates gender stereotypes and inequalities between men and women. The greatest merit of the work is to deconstruct the existence of a crisis and point out the historical and cultural persistence of a discourse that seeks to maintain male privileges in our society.

KEYWORDS: Masculinity. Men. Feminism. Antifeminism. Masculinism.

Juliana ALBUQUERQUE SULZ

Licenciada em Pedagogia pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (DPE/UFV), mestra em Educação e Docência pelo Programa de Pós-Graduação: Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Promestre/FaE/UFMG), doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE/FaE/UFMG).

Frederico Assis CARDOSO

Bacharel Licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), mestre e doutor em Educação (FaE/UFMG). Docente lotado no Departamento de Ciências Aplicadas à Educação (DECAE/FaE/UFMG).

Recebido em: 20/05/2023

Aprovado em: 22/09/2024